

Desigual e misturado

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

(Flávia Oliveira)

Consequências econômicas serão menores, se a sociedade atuar fortemente na prevenção da Covid-19

O Rio de Janeiro começou 2020 com crise no abastecimento de água; e termina o primeiro trimestre com o coronavírus à espreita. O par de episódios guarda lições. Se a geosmina nos escancarou a mazela da desigualdade de renda, a Covid-19 aponta para a relevância da ação coletiva pelo bem comum. Quando a água do Guandu adquiriu cheiro e gosto, quem tinha dinheiro se abasteceu com galões e garrafas comprados com ágio. Prova disso foi a alta de 2,05% nos preços do subitem Refrigerantes e Água Mineral na inflação carioca em janeiro, o maior aumento entre as 16 regiões pesquisadas pelo IBGE. Aos mais pobres, a Cedae. Agora, topo e base da pirâmide social vão precisar agir em conjunto para frear a pandemia, porque fazemos parte de uma sociedade tão desigual quanto misturada.

Na audiência na Câmara dos Deputados, em que prestou esclarecimentos sobre o coronavírus, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, não escondeu dos parlamentares a preocupação com a escalada da doença. A curva de casos é exponencial e leva junto a demanda por internação e por leitos de UTI. Os especialistas repetem como mantra que em 80% dos casos, a Covid-19 se apresenta com sintomas leves. Mas 15% dos pacientes precisam de hospital e 5%, de tratamento intensivo.

O medo é que a estrutura do SUS e da rede privada não seja suficiente para dar conta da multiplicação de casos em curto período. Daí a ênfase dos infectologistas na prevenção a todo custo, sobretudo para proteger o grupo etário mais vulnerável, os idosos. O coronavírus aportou no Brasil pelos abastados que desembarcaram de viagens internacionais. Por eles, se multiplicou. É certo que a população mais pobre — que mora em espaços densamente ocupados e vive em condições habitacionais de maior vulnerabilidade — sofrerá mais, se o surto sair do controle. Experiências anteriores, com dengue, zika, chicungunha, não deixam dúvidas.

Mas só dinheiro não comprará saúde, porque há intensa convivência entre as classes, via trabalho doméstico e prestação de serviço. Herança da colonização escravocrata, vêm das favelas, dos subúrbios e das periferias as babás das crianças e os cuidadores dos idosos da elite.

A Covid-19 tem como principal grupo de risco os maiores de 60 anos. É nessa faixa que o número de óbitos cresce. O Rio de Janeiro é o estado com a maior proporção de idosos do país: 20,9%. São 3,6 milhões de homens e mulheres, um em cada cinco habitantes. Na sequência, estão Rio Grande do Sul (20,2%), Minas Gerais (17,3%) e São Paulo (17%). É nosso dever levar a sério as medidas de prevenção (evitar multidões, cumprimentar à distância, lavar as mãos frequentemente, usar álcool gel para desinfetá-las) para proteger os mais velhos.

Não é por acaso que a Igreja Católica limitou há semanas o contato entre fiéis e deles com os sacerdotes, nas missas. Nem que os médicos estão pedindo aos idosos para não frequentarem cultos, festas, shopping, cinema, teatro e demais espaços de lazer em áreas fechadas. Terreiros de umbanda e

candomblé foram orientados a suspender celebrações e rituais, enquanto durar a pandemia. O Ilê Omiojuarô, na Baixada Fluminense, cancelou cerimônias públicas, até que a ameaça se dissipe.

Nessa crise, ninguém vai ficar bem de saúde, se um indivíduo não zelar pelos demais. É o senso de coletividade que nos salvará. Por ele, recomenda-se o recolhimento dos que apresentarem sintomas; e do baile todo, os melhores hábitos de higiene.

As consequências econômicas também serão menores, se a sociedade atuar fortemente na prevenção. Saber da consciência do outro traz coragem para sair às ruas, trabalhar e consumir. Uma ajuda da equipe econômica tampouco fará mal. O ministro Paulo Guedes, da religião das reformas, precisa tirar da cartola medidas de estímulo à atividade no curto prazo. Em mais de um ano de governo Bolsonaro, a superpasta da Economia nunca respondeu à necessidade de recuperação do mercado de trabalho, com medidas de combate ao desemprego e à informalidade, que afeta quatro em dez ocupados.

Os planos para dar liquidez a empresas e setores nocauteados pela mudança súbita das condições de operação são importantes. É igualmente fundamental pensar além de corte de juros e oferta de crédito para consumidores e empresários sem disposição para gastar nem investir, porque o ambiente é instável e a demanda, decrescente. Liberar FGTS, medida que o atual governo já imitou de Michel Temer, tem pouco efeito, porque o emprego formal minguou.

Na conta da FGV Social, aportes no Bolsa Família têm efeito multiplicador quase cinco vezes maior que a liberação do fundo. É consumo nas veias entupidas da atividade econômica. É no arcabouço de políticas sociais e de investimentos na historicamente precária infraestrutura de saneamento, habitação, mobilidade urbana, saúde que o Brasil precisa para buscar a saída de uma crise, que se apresenta cada vez mais séria. Há cura.